

Cansaço vence o curso noturno

Quem acha que a vida dos estudantes brasileiros de segundo grau é difícil, precisa ver os cursos noturnos — frequentados por dois-terços dos alunos da rede pública e 55 por cento das escolas particulares. Estudar à noite significa, em 70 por cento dos casos, trabalhar durante o dia. Ao cansaço do aluno, soma-se o do professor, às vezes na terceira jornada do dia.

As classes noturnas, tanto na rede pública quanto nas escolas particulares, servem principalmente para baixar os custos da expansão da oferta de vagas. Talvez por isso, raramente recebem atenção especial dos educadores. A evasão nos cursos noturnos, principalmente nas escolas públicas, é responsável pelo elevado índice final de desistência.

As dificuldades do segundo grau têm origem, sem dúvida, nas deficiências do ensino básico, diz a diretora do Departamento de Ensino Fundamental e Médio da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, Leda Sefrin. Ela defende uma revisão-geral do que chama de pirâmide educaci-

onal brasileira.

“É preciso um primeiro grau com maior número de conclusões e a reconstrução de currículos par atender às necessidades dos alunos”, diz ela.

Sem isto, conclui, o ensino de segundo grau não conseguirá estimular o estudante.

Ela ressalva que uma boa parte da evasão identificada nas escolas gaúchas de segundo grau tem como causa a necessidade de antecipar o ingresso dos jovens no mercado de trabalho.

Nem mesmo um papel de apoio, no sentido de preparar o estudante para o trabalho, as escolas públicas de segundo grau conseguem ter. Na Escola Arnulpho Mattos, num dos principais bairros de Vitória, os tornos da sala de mecânica seriam mais úteis como peças de museu: têm mais de 40 anos. Mais modernos, mas nem por isto mais úteis, são os computadores CP—200, bem rudimentares, usados pelos alunos da Escola Pública de Segundo Grau dos Andrades, em Santos, no curso profissionalizante de Informática.